

Entrevista com bolsista brasileiro no Timor Leste

O professor Marcio Gutenberg Figueirêdo de Araújo está no Timor Leste desde julho de 2007, onde é professor do bacharelato em química do Centro Nacional de Formação Profissional e Continuada (CNFPC), em Díli, capital do país. Ele é um dos 34 bolsistas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC). Araújo — que possui graduação em licenciatura em química pela Universidade Estadual da Paraíba e graduação em química industrial na mesma instituição — concedeu a seguinte entrevista ao MEC, por e-mail.

O senhor já fez parte da primeira edição do programa de cooperação com o Timor Leste. O que o fez regressar ao país?

Estive em 2005 no Timor Leste, como participante do projeto pioneiro com 47 professores brasileiros. Nunca o Brasil havia mandado tantos profissionais da área de educação para um país. O motivo pelo qual eu regresssei foi a satisfação profissional de trabalhar com os professores desta terra. Aqui, eu encontrei reconhecimento, respeito e o carinho dos colegas timorenses, e não há preço para tal sentimento.

O senhor tinha alguma idéia de como seria trabalhar no Timor?

Inicialmente, ao chegarmos aqui, ficamos um tempo sem atividades para a adaptação. Em seguida, houve várias e longas reuniões com os timorenses que nos deixavam ansiosos para começar as atividades. Depois de alguns dias, as atividades enfim começaram. Tive uma grata surpresa, pois estava trabalhando com um público bem diversificado, de várias regiões do Brasil, juntamente com os professores timorenses.

O Timor Leste é um lugar especial. Quando você chega aqui, a cada minuto é surpreendido com uma cultura diferente, com as belezas naturais do lugar, com o litoral que se assemelha muito com as praias nordestinas. Por outro lado, existe muita pobreza, lixo nas ruas, falta de saneamento básico. Outro fator é a alta poluição atmosférica devido à grande concentração de veículos em Díli.

Por que o senhor resolveu se inscrever para participar de tal iniciativa? Quais motivos influenciaram sua decisão?

Na verdade, eu fiquei sabendo através do meu sogro, que assistiu a uma reportagem na televisão sobre esse projeto no Timor Leste. Eu sou aficionado por documentários e filmes referentes a países que precisam de

ajuda humanitária. Sempre tive vontade de conhecer e ao mesmo tempo dar a minha contribuição como cidadão brasileiro, pois seria uma troca de experiências tanto profissionalmente, pelo fato de trabalhar e interagir com pessoas de vários lugares do Brasil e do Timor, como pessoalmente, pois quando você se encontra em uma situação adversa, como é o caso, você passa a valorizar mais a sua família e o seu país.

Como os bolsistas se comunicam com suas famílias?

A comunicação com a família é feita principalmente via internet e telefone. Tentamos matar as saudades da família também usando programas de bate-papo pela internet, mas os recursos encontrados funcionam de forma precária, devido à lentidão da internet. Por exemplo, agora, estou digitando este texto mas preocupado se vou conseguir fazê-lo até o final sem que haja bloqueio na rede. O alto custo da ligação telefônica para o Brasil também é um fator limitante no contato com os familiares.

Quais os principais pontos positivos de sua estada no Timor?

Os pontos positivos são o amadurecimento, as boas relações cultivadas e a bagagem cultural.

Como o senhor avalia o trabalho feito pelos bolsistas?

Os bolsistas brasileiros realizam um excelente trabalho, de forma profissional e planejada, apesar das dificuldades referentes à logística. Gracias à criatividade e à vontade de trabalhar do povo brasileiro, representamos de forma honrosa o nosso país.

Como o senhor avalia o aprendizado dos timorenses? O senhor percebe alguma mudança significativa na vida dos alunos em função do trabalho desenvolvido pelos brasileiros?

O trabalho do Projeto ProCapes, do qual eu faço parte, está relacionado principalmente com a formação continuada de professores timorenses. Neste aspecto, posso afirmar que o aproveitamento está sendo significativo, pois estamos formando professores voltados para uma educação mais humana e problematizadora, e alguns desses profissionais estão agora ocupando cargos importantes em alguns setores, inclusive no Ministério da Educação do Timor Leste, como é o caso do nosso ex-aluno professor Antonino Sequeira Alves, que agora é o inspetor-geral de educação no Timor. Nós nos sentimos muito envaidecidos com essa transformação.

Como estão as condições dos bolsistas após o atentado?

Ficamos muito tristes com o ocorrido, sabemos que o caminho da democracia é longo e que o diálogo pacífico é a melhor maneira de resolver os problemas. Procuro fazer uma análise do ocorrido de forma plantada, sem sensacionalismos, pois, por experiência própria, as notícias têm um peso diferente quando chegam ao Brasil e isso pode tornar o problema maior do que parece e causar uma preocupação a mais aos nossos parentes. O nosso grupo está tranqüilo, mas alerta aos acontecimentos. Tentamos nos manter informados sobre as notícias que saem a cada hora. Estamos trabalhando normalmente, mas com uma certa dose de cautela.

Como o senhor percebe a situação do país?

O atual presidente, Ramos-Horta, possui um grande carisma tanto na comunidade internacional quanto aqui no Timor, pelo fato de ter sido o prêmio Nobel da Paz em 1996 e de suas tentativas de melhorar a condição de vida do seu povo. Atualmente, existem milhares de jovens desempregados, marginalizados e desesperançados e, muitos desses jovens procuram encontrar uma "tábua de salvação", uma espécie de "herói" e isso se traduz na quantidade de seguidores de grupos contrários ao governo. Esses rapazes estão organizados em gangues localizadas em vários pontos da capital e isso é preocupante.

Repórter : Maria Clara Machado

[Leia mais...](#)

[Bolsista descreve dia-a-dia no Timor](#)